

A FAMÍLIA

*Frei Claudio van Balen**

ESSÊNCIA

Amor: um se faça dois

Toda *interiorização* pode pecar por uma dose de apropriação *indébita*, uma vez que, não raro, se desrespeita a *alteridade* em sua unicidade. Interioridade como fechamento é *autopreocupação*.

Amor autêntico há de *diversificar* os amantes, além da simples autoafeição.

Se eles se tornam um, há de ser na *dualidade*. Amor sem dualidade ética, não passa de autoabsorção. Somente uma responsabilidade *desinteressada* reflete autenticidade de amor no respeito ao totalmente outro.

Amor é *ética* pura: existe-se no mundo para o *outro*.

O *Self* só se realiza em respeitosa relação ao *outro*, ao diferente, fazendo que *um* se faça *dois*.

É a responsabilidade pelo outro que confere identidade ao *eu*.

Absorvido, perdido *em si*, o *Self* se torna assassino e, por conseguinte, suicida. *Somente a disposição de sofrer a alteridade e humanizá-la há de conferir autenticidade ao amor.*

O ser humano é uma composição: o homem não se basta, a mulher não é uma grandeza em si. Ambos existem em função um do outro e para um objetivo comum: o próprio crescimento, sua realização interpessoal e a transformação do meio, com sobrevivência e aperfeiçoamento do gênero humano.

Pela mensagem de Jesus, essa mútua igualdade e comum responsabilidade são confirmadas. Mulher e homem são indistintamente valorizados como participantes e construtores do Reino. E Deus reina quando a vida é valorizada e desenvolvida de modo que, em sua boa qualidade, venha a satisfazer os desejos mais profundos e autênticos do coração humano.

* Igreja do Carmo – BH.

Nessa perspectiva, aparece a igualdade, o companheirismo, a missão de servir, a dignidade e o destino comuns. Conclusão: a homem e mulher cabe uma participação fraterna em tudo que diz respeito à construção de relações. Podemos concluir que a união constitui uma comunidade no amor, cuja primeira função consiste em promover a fecundidade, fazendo os cônjuges desenvolverem sua personalidade e, além disso – caso possível e conveniente –, cuidar da procriação.

Mulher e homem, portanto, assumem a missão de se fazer corresponsáveis pelo mútuo bem-estar no crescimento pessoal em benefício da comunidade. Além dessa fecundidade intraconjugal, simbolizada como sacramento – graça –, sua união esteja a serviço da fecundidade familiar: participação dinâmica na sociedade e na comunidade de fé.

A meta a alcançar é esta: uma família em que cada membro seja – *fâmulus* – *servidor*, cidadão, construindo uma convivência com partilha igualitária de direitos e deveres, em um clima de fraterna solidariedade e no esforço constante de envolvimento social. É, pois, indispensável que mulher e homem se libertem de todo preconceito, egoísmo, discriminação, isolamento, submissão, medos e omissão.

Eles hão de tornar-se grávidos da paixão evangélica, do amor solidário e da libertação. A família seja um espaço de companheirismo e amor, em que a afetividade envolva o bem-estar na paz. Essa missão se desdobre em tarefas variadas: a família faz perceber que todos fazem parte, pertencem como feixe de relações, na aprendizagem e na prática da socialização.

E como fator de segurança, a família se faz apoio, diálogo, acolhimento, solidariedade e calor humano. Ela é uma realidade dinâmica em permanente construção, e cada um é mediador da caminhada dos outros através da execução e contraprestação de serviços. Dessa forma, a família se dispõe à luta da vida enquanto confirma cada membro no valor de sua pessoa e no sentido do viver em sociedade.

Núcleo formador da pessoa, a família se torna fundamento do sujeito, desenvolvendo nele identidade, autoestima, capacidade de iniciativa, autonomia, senso crítico, espírito de equipe, confiança, abertura ao outro e disponibilidade à cidadania. Ela sensibiliza seus membros para a realidade que nos cerca com seus desafios e ofertas, com problemas e oportunidades.

Família bem estruturada se faz proteção contra fechamento no egoísmo, o pior inimigo da paz. De fato, de nada vale a imensa riqueza de todo o progresso da ciência e da tecnologia, se no dia a dia nos fechamos, isolando-nos no egoísmo. Este é qual vírus que fragmenta e separa as pessoas do todo, individual e socialmente, isolando-as na busca frenética de cada vez maior segurança, fonte de agressão.

A individualidade, essência da vida pessoal e social, só encontra seu indispensável equilíbrio graças à experiência da *confirmação*, maior riqueza que a família é chamada

a legar a seus membros. Estar de bem com a vida, consigo e com os outros é fruto supremo da fé, que se desdobra na esperança e no amor, vivenciados na família como ingredientes básicos da harmonia.

“Mestre, o que nos dizes do Matrimônio?”

E ele respondeu: – Vós viveis unidos (...) Mas haja espaços na vossa junção.

Que os ventos do Céu dançam entre vós. Amai-vos um ao outro, mas não façais do amor um grilhão. Antes, haja um mar ondulante entre as praias de vossa alma.

Enchei a taça um do outro, mas não bebais da mesma taça.

Daí do vosso pão um ao outro, mas não comais do mesmo pedaço. Cantai e dançai juntos, e sede alegres; mas deixai cada um de vós estar sozinho, assim como as cordas da lira são separadas, e vibram na mesma harmonia.

Daí vossos corações, mas não vos confieis à guarda um do outro.

E vivei juntos, mas não vos aconchegueis demasiadamente; pois as colunas do templo erguem-se separadamente, e o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um do outro”.

O Profeta – Kahlil Gibran